

# O QUE SÃO CONSTRUÇÕES DE TÓPICO? – DEFININDO UMA PERSPECTIVA TEÓRICA

Renato Kledson Ferreira (PPgEL/UFRN)  
[monterkif@hotmail.com](mailto:monterkif@hotmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Responder com precisão o título deste artigo é uma tarefa bastante complexa para os estudiosos da língua. Li e Thompson (1976 *apud* Pontes 1987, p.11), ao perceberem que as línguas se diferenciavam umas das outras com relação às estruturas e as funções, elaboraram uma classificação para as línguas, tendo como base o pressuposto de que algumas línguas tinham relações de estruturas de tópico-comentário e outras de sujeito-predicado.

Os autores dividiram as línguas em quatro tipos: línguas com proeminência de sujeito (as línguas indo-européias); línguas com proeminência de tópico (línguas como o chinês, lahu, dentre outras); línguas mistas com ambas às proeminências (línguas como o japonês, etc); e línguas sem proeminência alguma (língua como o tagalog), ou seja, línguas em que o sujeito e o tópico se mesclam, ocasionando assim a impossibilidade de distinguir os dois tipos na estrutura da sentença.

E afinal, o Português Brasileiro (PB) se encontra em que classificação? A maioria dos estudiosos insere o PB nas línguas com proeminência de sujeito por causa da tradição gramatical, a qual estava preocupada com a ordem dos constituintes (SVO). No entanto, temos a ciência de que o PB é no mínimo uma língua com as duas noções de proeminência, o que nos faz refletir que os sintagmas no interior de uma sentença podem se posicionar conforme as suas propriedades sintáticas, semânticas e discursivas, isto é, não ficam condicionados a uma ordem canônica das línguas românicas.

De acordo com Pontes (1987, p.11), Li e Thompson “advertem (...) que não é fácil estabelecer de que tipo uma língua é”. Devido ao fato de que gramáticos e linguistas partiram de um pressuposto de que a estrutura sujeito-predicado “é uma construção universal e por isso têm descrito as diferentes línguas sempre do mesmo modo”.

Diante dos fatos apresentados, vemos que optar por uma perspectiva teórica para definir um fenômeno linguístico, sobretudo *construções de tópico*, algumas vezes, pode ser uma tarefa simples ou árdua, a depender de qual caminho a ser seguido. Nesse caso, percebemos que a análise desse fenômeno linguístico transita entre o discurso/semântica e a sintaxe, tornando difícil delimitá-lo em relação a sua característica, propriedade e função. Desse modo, constatamos que o PB transita em ambas as noções de proeminência, devido ao fato de aceitar as duas estruturas simultaneamente, sendo uma acoplada à outra.

A estrutura das sentenças de línguas com evidências de sujeito seria [S V O] ou [V S O]<sup>1</sup>, mesmo em caso em que o sujeito estiver posposto ao verbo. Ao passo que nas línguas proeminentes de tópico a estrutura seria [Top [SN V SN] ou [Top [Ø V SN]. Como o PB em sua estrutura sentencial suporta as duas noções, a estrutura da

---

<sup>1</sup> Além dessas estruturas no PB ocorrem outras.

sentença seria: [SN<sup>2</sup> [ SN<sup>3</sup> V SN<sup>4</sup>]. Portanto, trabalhar com línguas que pertencem ou fazem parte de duas noções de proeminência não é consubstancial<sup>5</sup>, visto que é necessário demarcar os limites dessas noções para que elas sejam determinadas de acordo com as suas propriedades, funções e características.

E somente assim não iremos confundi-las. Fato que ocorre com as línguas que não têm ambas as proeminências, mas para que isso não ocorra iremos estabelecer apenas um rumo, ou seja, adotaremos uma perspectiva mais formal para fixar os limites conceituais em relação às *construções de tópico* neste trabalho. De acordo com essa perspectiva, o constituinte topicalizado pode ser originado por um movimento à esquerda da oração, deixando ou não um elemento co-referente<sup>6</sup>, ou já ter surgido numa categoria, CP, acima da categoria funcional IP. Apesar de sabermos que o sintagma topicalizado “só é unicamente discursivo na aceção semântica de ‘assunto’” (PONTES, 1987, p.43), isto é, entendemos que o contexto tem forte influência na estruturação dessas construções.

Antes de definimos o que são *construções de tópico* com base na perspectiva gerativista, iremos explanar sobre essa teoria para tentarmos dar mais substância ao nosso estudo, além de mostrar as diferentes posições em que tanto o sujeito quanto o tópico se realizam nas sentenças do PB. Mas antes de explicamos tais posições devemos primeiramente distinguir argumentos de adjuntos, visto que os primeiros em algumas situações se movimentam de seu lugar de origem para uma posição pré-verbal ou pós-verbal, e o segundo não tem muita restrição com relação ao deslocamento na sentença, porque depende do tipo de adjunto para que ocupe qualquer lugar na sentença.

Depois que tivermos explanado sobre a diferença entre argumentos e adjuntos, a qual nos subsidiará no que se refere à questão da posição do sujeito e do tópico nas sentenças, apresentaremos as características de forma geral das *construções de tópico*. Para depois delimitarmos essas construções de acordo com suas propriedades e funções, exemplificando-as com excertos dos *corpora*<sup>7</sup> e de textos que abordam esse tema, o que nos permitirá responder a questão do título desse artigo.

## 2. PERSPECTIVA GERATIVA

Toda teoria seja ela qual for se fundamenta em um objeto de estudo, o qual será pesquisado. No âmbito da linguística, o termo linguagem abrange uma enorme quantidade de fenômenos. E cabem a nós, linguistas, termos a capacidade de fazermos observações apuradas e prudentes de tal forma que os resultados encontrados possam ser objetivos e imparciais. Este fato levanta um problema em relação aos pesquisadores da linguagem.

---

<sup>2</sup> Na posição de Spec de TopP pode vir frequentemente um SN, um PP em algumas situações, uma expressão acompanha de um SN e raramente um categoria vazia (ec), no caso do tópico nulo.

<sup>3</sup> Na posição de Spec de IP, o sintagma nominal pode estar realizado ou não.

<sup>4</sup> Em algumas situações, o SN topicalizado pode ocorrer nessa posição. Nesse caso recebe a denominação de antitópico. Esse tipo de construção raramente aparece.

<sup>5</sup> No sentido de não ser de uma única natureza.

<sup>6</sup> Podemos ter com um elemento co-referente um pronome forte, um epíteto, um SN cópia, uma pronome de posse, uma anáfora ou uma ec.

<sup>7</sup> Extrairemos excertos dos *corpora* da minha dissertação que está sendo desenvolvida no PPGEL (cartas pessoais de norte-riograndeses do século XX em três períodos, sendo o primeiro de 1916 a 1925, o segundo de 1946 a 1976 e o terceiro de 1992 a 1994. Para tanto tomaremos como exemplificação fragmentos dos 1º e 3º períodos) e exemplos de textos que abordam as *construções de tópico*.

Será que estes estudiosos veem apenas as sentenças presentes na língua ou eles são capazes de antever o formato da estrutura seguinte? Os linguistas usam “categorias e conceitos que não aparecem diretamente na produção linguística” (MIOTO *et all.*, 2010, p.15). Porém, a existência das categorias e dos conceitos explica como a produção linguística se origina de uma maneira e não de outra.

Desse modo, os pesquisadores dessa abordagem estão mais interessados “na formulação de princípios que estejam na base de todo fenômeno sintático existente” (MIOTO *et all.*, 2010, p.14). Entretanto, o pesquisador de uma língua deve ter a sua disposição uma metalinguagem suficientemente acurada para só assim determinar todas as propriedades, funções e características de um fenômeno linguístico, fazendo com que a teoria descreva e explique a competência linguística<sup>8</sup> do indivíduo, explicitando os mecanismos gramaticais, os quais subjazem a ela.

Se os indivíduos são capazes de formular estruturas linguísticas é porque eles têm uma faculdade da linguagem interna; isto é, ela não é parte da inteligência de forma geral, mas é específica. De acordo com essa teoria, os indivíduos possuem uma Gramática Universal (UG)<sup>9</sup>, sendo que esta é constituída de Princípios, leis gerais comum a todas as línguas, e de Parâmetros, propriedades que as línguas podem exibir ou não, as quais serão determinantes para distinguir uma gramática da outra.

Em nosso estudo, iremos trabalhar incessantemente com a noção de constituinte<sup>10</sup>, visto que a sintaxe tende a delimitá-lo a partir de um núcleo, porque não determinamos sua extensão e quais itens podem fazer parte dele. Para explicarmos mais sobre os constituintes precisamos nos referir à teoria X-barra<sup>11</sup> que aponta a natureza, as relações estabelecidas e o modo que eles se hierarquizam para construir a sentença.

E é nessa teoria que encontramos “a possibilidade de captar a relação sintática entre os elementos que compõem um constituinte” (MIOTO *et all.*, 2010, p.50). Dessa forma, vemos que os elementos presentes no interior da sentença têm uma relação de dominância sobre o outro, sendo que no constituinte a relação estabelecida pode ser de forma direta ou indireta a partir do núcleo<sup>12</sup>. Este por sua vez pode ter duas naturezas: a lexical e a funcional. A primeira seleciona semanticamente seus argumentos (s-selecionar),<sup>13</sup> enquanto a segunda não s-seleciona argumentos, mas apenas c-comanda seu complemento, visto que ao selecionar o complemento determina a categoria à qual ele deve pertencer.

As categorias funcionais dominam o constituinte verbal, mas não s-selecionam. O IP<sup>14</sup> que reúne propriedades gramaticais que irão definir uma sentença como finitita ou infinita, além de possuir dois núcleos Agr (flexão de gênero e número) e o T (flexão de modo e tempo) e algumas vezes o NegP<sup>15</sup> aparece acoplado sob o seu domínio. Além de IP, defeni-se as seguintes categorias funcionais: o CP e o DP<sup>16</sup>. O primeiro é o sintagma de complementizador e o segundo é o sintagma de determinador.

---

<sup>8</sup> “É a capacidade humana que torna fundamentalmente possível que todo ser humano seja capaz de interiorizar um ou vários sistemas linguísticos” (MIOTO *et all.*, 2004, p.22)

<sup>9</sup> Que é o estágio inicial de um indivíduo que está adquirindo uma língua.

<sup>10</sup> Unidade sintática construída hierarquicamente.

<sup>11</sup> Módulo da gramática, o qual permitirá que um constituinte seja representado.

<sup>12</sup> Pode ser vazio ou pronunciado.

<sup>13</sup> É a propriedade que os predicados têm de selecionar um determinado número de argumentos com uma dada função temática.

<sup>14</sup> IP (sigla em inglês significa sintagma de flexão).

<sup>15</sup> NegP doravante Sintagma de Negação.

<sup>16</sup> O DP sempre vai acompanhar um NP.

Segundo Mioto *et all.* (2004, p.63) “um constituinte se completa quando sua projeção máxima contém os complementos e o especificador que o núcleo seleciona”. O Spec<sup>17</sup> é uma posição na árvore sintática que só pode abrigar constituintes que possuam traços compatíveis com os do núcleo, uma vez que as relações definidas pelo núcleo devem estar inseridas em sua projeção máxima.

Contudo, temos projeções em que a predicação é feita entre um NP<sup>18</sup> sujeito e um AP<sup>19</sup> sem que o núcleo do predicado seja um verbo ou uma flexão verbal, as quais são denominadas de SC (small clauses)<sup>20</sup>. Estas não têm verbo como seu núcleo, o que faz com que essas miniorações não sejam iniciadas por nenhuma das categorias que têm o VP<sup>21</sup> como complemento de IP, InfP e GerP<sup>22</sup>. Isso nos mostra que a minioração não projeta nada, contrariando assim o princípio da Teoria X-barras, o qual afirma que “todo constituinte tem uma projeção mínima, intermediária e uma máxima”, sendo que a SC só pode ser um complemento de um verbo ou um adjunto (MIOTO *et all.*, 2010, p.109).

Sabemos que temos uma gramática internalizada composta de Princípios e Parâmetros (P&P), os quais determinarão os possíveis formatos de sentenças em uma língua, visto que o indivíduo possuidor de uma língua não formará sentenças sem antes dominar o léxico<sup>23</sup>, ou seja, cada pessoa organiza as sentenças conforme a língua que pertence.

Desse modo, para que um constituinte receba um papel- $\Theta$ <sup>24</sup> em uma determinada sentença tanto o núcleo quanto o complemento devem estar em consonância no nível V', responsável pela atribuição temática ao argumento que está na posição de Spec de VP, neste caso, o sujeito. Mas esse constituinte vai sair dessa posição para ir para o Spec de IP da mesma forma que o núcleo de VP se alojará no de IP para adquirir tanto a informação de tempo assim como de negação em alguns casos.

Isso ocorre por causa do Princípio de projeção que faz com que cada constituinte subcategorizado ou selecionado que se move no interior de uma sentença deixe um vestígio na posição de origem, sendo essa uma das características das línguas naturais, o que nos mostra que determinados elementos quando são pronunciados em uma posição, eles são colocados em outra posição a depender de sua interpretação semântica, como ocorre com o fenômeno linguístico que estamos trabalhando.

Percebemos que os constituintes presentes na sentença sejam eles argumento interno ou externo (complemento) necessitam de papel- $\Theta$  para terem um potencial de referência, mas nem todo DP (pronomes expletivos ou pleonásticos) tem esse potencial, porque não atribuem função- $\Theta$ . Porém, todo DP pronunciado pertence a uma cadeia com Caso, sendo que sem este não seria possível recuperar o papel- $\Theta$ , porque é nessa instância que o DP se torna visível para só assim pertencer uma cadeia com Caso.

Desse modo, tanto o especificador quanto o complemento são regidos pelo núcleo, o qual atribuirá à esquerda - Caso nominativo, se manifesta em um DP na posição de sujeito no contexto de uma flexão com [+Agr]; e à direita - Caso acusativo, que aparece em um DP no contexto de um verbo transitivo; - e Caso oblíquo, que se realiza em um DP inserido no contexto de uma preposição.

---

<sup>17</sup> Spec significa especificador.

<sup>18</sup> NP doravante Sintagma Nominal.

<sup>19</sup> AP doravante Sintagma Adjetivo.

<sup>20</sup> SC (sigla em inglês significa minioração)

<sup>21</sup> VP doravante Sintagma Verbal.

<sup>22</sup> Respectivamente, as duas últimas siglas significam Sintagma de Infinitivo e Sintagma de Gerúndio.

<sup>23</sup> O conjunto de palavras que constitui o dicionário da língua em questão.

<sup>24</sup> Significa Papel Temático.

Dessa maneira, os Casos são filtrados de acordo com a função de cada um, o que nos faz concluir que as relações de co-referência dependem muito do tipo de DP que está presente na sentença. Todo DP com Caso tem domínio de vinculação e é regido pelo núcleo de IP. Esses DPs ocupam posições argumentais, diferentemente dos tópicos que estão em posições A-barras (não argumentais). Sendo que os DPs que estão em posição argumental podem ter co-referentes ou não na sentença, tais como: (a) as anáforas que jamais podem aparecer sem que o elemento com o qual se satisfaçam também esteja presente na sentença, visto que elas são referencialmente dependentes; (b) os pronomes que não podem ter seu antecedente num domínio muito restrito, visto que eles não necessitam destes, mas se os têm não podem estar muito próximo.

No movimento de V para I<sup>25</sup>, o antecedente sempre c-comanda seu vestígio de uma posição bastante próxima dele, devido ao fato de que um núcleo só poderá ser movido para a primeira posição de núcleo que o c-comanda. Porém nas línguas naturais há também outras possibilidades de movimentos de núcleos. No movimento A, o especificador de IP está presente em estruturas - de sentença finita, em que a flexão em I dispõe de Caso; - de sentença infinitiva não flexionada, em que nenhum Caso está disponível no InfP infinitivo; isto é, nenhum DP pronunciado pode permanecer nesta posição. O limite máximo que um DP pode se mover é até a primeira posição da árvore sintática, Spec de IP, onde ele vai c-comandar o seu vestígio.

Temos também o movimento A-barras, o qual está ligado às construções que estamos trabalhando, sendo que tanto argumentos quanto adjuntos podem ser movidos para essa posição acima de IP. O movimento A-barras não categoriza o elemento movido, assim como faz o movimento A. O vestígio que o elemento movido deixa quando se desloca para a posição não argumental é do tipo [- anafórico e - pronominal], ou seja, em estruturas de movimento A é necessário que o elemento movido sempre c-comande a sua ec, mas para as estruturas de movimento A-barras o mesmo não ocorre. Então, nessa posição, o elemento presente na cabeça da sentença ficará sem Caso e sem papel- $\Theta$ . Ao passo que na cauda da sentença tanto o papel- $\Theta$  quanto o Caso serão realizados.

### 3. ARGUMENTOS E ADJUNTOS

Podemos começar dizendo que os argumentos abrangem duas funções na sentença: a de sujeito (AE)<sup>26</sup> e de complemento (AD)<sup>27</sup>. Esse último por sua vez só tem sentido quando estabelece uma relação de predicação entre ele e o verbo da oração.

Já em relação aos adjuntos, estes apenas estão adjungidos ao nome ou ao verbo (ou outras categorias) e podem se mover para qualquer lugar da sentença, desde que se desloquem levando todo o constituinte e não parte dele para qualquer posição na estrutura da sentença, enquanto, os adjuntos não sofrem tantas restrições com relação ao movimento de constituintes nas sentenças.

Os argumentos tendem a ter certa restrição com relação ao deslocamento de constituintes, pois os argumentos externos, na maioria das vezes, além de nascerem na posição de Spec de VP<sup>28</sup>, e logo em seguida serem alçados para Spec de IP<sup>29</sup>, podem

---

<sup>25</sup> Único tipo de movimento de núcleo das línguas naturais, mais especificamente, o PB.

<sup>26</sup> Argumento externo doravante (AE).

<sup>27</sup> Argumento interno doravante (AI).

<sup>28</sup> (AE) recebem papel- $\Theta$ .

<sup>29</sup> (AE) recebem Caso.

aparecer na posição posposta ao verbo como também no CP<sup>30</sup>, mais especificamente na subcategoria, TopP, em Spec de Top.

Os argumentos seja externo ou interno têm uma relação direta com seu predicador (o verbo), enquanto os adjuntos não estabelecem essa relação. Tanto o argumento externo quanto o interno não interagem da mesma forma com o predicador e entre si, devido ao fato de que a relação do argumento interno com o predicador é mais próxima daquela estabelecida entre o predicador e o argumento externo.

#### 4. POSIÇÃO DO SUJETO *VERSUS* POSIÇÃO DE TÓPICO

Nem sempre quando nos referimos ao termo sujeito implica dizer que este coincida com argumento externo da sentença, pois em alguns casos em que as sentenças são estruturas de verbos inacusativos, de passivização e de topicalização, a estrutura sujeito-predicado é de difícil entendimento, porque nos dois primeiros casos os argumentos internos são alçados para a posição de Spec de IP, ocupando assim a posição do sujeito sintático. Já no terceiro caso, algumas vezes o tópico assume essa posição devido ao fato da ausência do SN sujeito e por estabelecer concordância com o predicador e não o sujeito por está em posição VSO.

Desse modo, o sujeito nem sempre é o ser sobre o qual se faz uma declaração, ao passo que podemos afirmar que o tópico o é, sendo que o tópico poderá estabelecer ou não uma relação com a sentença. No caso de manter uma relação mesmo que ela seja estreita, o tópico poderá ter no interior da sentença-comentário uma posição vazia, um co-referente, um pronome pleno ou um SN.

Em relação à concordância, o sujeito sintático estabelece uma relação com o predicador, visto que este selecionar aquele, mesmo que o SN sujeito não seja realizado na sentença. Como já vimos o tópico só estabelece relação de concordância com o predicador quando o é alçado para a posição Spec de uma categoria funcional e o sujeito, estando posposto ao verbo. Mas na maioria das vezes o tópico não estabelece concordância com o predicador, porque ele está acima de IP e muitas vezes a relação sintática é restrita ao passo que a relação semântica não o é.

Segundo Berlinck, Duarte e Oliveira (*apud* CASTILHO, 2009, p.103) Numa sentença “existe conectividade ‘referencial’ ou ‘semântica’ entre o tópico e a sentença-comentário”, mas a conectividade sintática algumas vezes é mais ou menos estreita ou nem pode existir.

#### 5. O QUE CARACTERIZA AS CTs<sup>31</sup>?

As *construções de tópico* compõem as sentenças através de deslocamento de um constituinte (argumentos e adjuntos) para a cabeça da frase. Esses constituintes, por sua vez, quando movidos para a parte externa da sentença, não têm nenhuma relação sintática com a sentença seguinte.

Desse modo, o tópico ocupa necessariamente um lugar marcado na sentença, devendo ser um sintagma nominal posto no início da oração, com o comentário vindo obrigatoriamente em seguida; ou seja, o tópico-comentário está ligado à questão da colocação do termo na sentença.

No PB, predominantemente na modalidade oral, muitos enunciados podem iniciar por um sintagma nominal deslocado, o qual não corresponde ao sujeito

---

<sup>30</sup> Lugar onde o elemento deslocado recebe traço discursivo, acompanhado de um determinante definido.

<sup>31</sup> A sigla CTs significa *Construções de Tópico*.

gramatical, sendo que o constituinte separado do resto da frase por uma pausa e pela falta de concordância com o verbo é denominado de *tópico*. Pontes (1987) afirma que, dentre outras línguas, o PB está tanto entre as línguas de tópico quanto as de sujeito proeminente, como podemos observar na sentença (1).

(1) **A banheira** ainda não tinha retirado [-] de sua casa, podendo estar la pelo tempo *que* Tonho aqui se demorar. (TP 21/06/1917)<sup>32</sup>

Vemos que em (1) o constituinte topicalizado em negrito é o argumento interno do predicador e a categoria vazia<sup>33</sup> na sentença retoma o tópico em negrito como um objeto direto deslocado.

Segundo Mateus *et all* (2003, p.491) quando “o mesmo constituinte acumula a relação gramatical de sujeito com o papel discursivo de tópico” é denominado de *tópico não marcado*, devido ao fato de ter concordância com o verbo, enquanto que o constituinte deslocado do corpo da sentença é chamado de *tópico marcado*, porque não estabelece a relação gramatical de sujeito.

Nas sentenças em que a estrutura sujeito-predicado e a estrutura tópico-comentário são equivalentes o tópico é não marcado. Vemos em (2) e (3), respectivamente, construções em que os constituintes são homólogos e em que o tópico não tem relação com o verbo:

(2) **A casa da escola** ja está coberta, esta semana é *para* limpar, estando tudo prompto a semana que entra. (JP 18/01/1916)

(3) **Quanto ao seu modo de agir politicamente** nunca exigi a *você* couza alguma com quebra de seu caracter, não é assim? Pois se há quem assim pense está perdendo o seu tempo e o seu latim. (TP 09/10/1921)

Como constatamos, o constituinte topicalizado no exemplo (2) estabelece concordância com verbo, tendo traço discursivo de tópico e relação gramatical de sujeito. Já, no exemplo (3), o constituinte em negrito é um tópico marcado, porque não tem relação gramatical de sujeito.

### 5.1 Propriedades das construções de tópico

Em relação às propriedades das construções de tópico, teremos como base as orientações abordadas por Li e Thompson (*apud* Pontes, 1987, p.19-25). Para estabelecer uma tipologia das construções de tópico. Esses autores definem **(a)** *as características das construções de tópico nas línguas de tópico* e **(b)** *as características das línguas de tópico*. No item **(a)** são apresentadas algumas características do tópico em contraste com o sujeito e vice-versa, as quais serão relacionadas abaixo:

- Quanto à definição, o constituinte topicalizado sempre será definido como também poderá ser um demonstrativo;
- Quanto às relações seletivas, vemos que o tópico não tem ligação alguma com o verbo;

---

<sup>32</sup> As siglas TP e JP, respectivamente, significam Theodósio Paiva e João de Paiva seguido de dia, mês e ano. As cartas escritas por eles fazem parte do 1º período do século XX.

<sup>33</sup> No caso das construções de tópico, categoria vazia é o espaço vazio da sentença, do qual um sintagma nominal ou preposicional foi deslocado para início da sentença.

- É o verbo que determina o sujeito porque a relação do tópico com o verbo é independente;
- Quanto ao papel funcional, o tópico desempenha o centro da atenção na sentença, ou seja, ele está mais ligado ao discurso;
- Quanto à concordância, o tópico não tem relação nenhuma com o verbo, pois em línguas como o português - em que o fenômeno da concordância se realiza apenas com o verbo e sujeito - pode algumas vezes ocorrer à concordância com o tópico, quando este tiver traços idênticos com o sujeito;
- Quanto à posição do tópico nas sentenças é uma característica marcante, pois ele anuncia o que vai ser comentado e sempre está no início da oração em contexto de frase-raiz<sup>34</sup>, diferentemente do sujeito em algumas línguas que pode vir no início de frase, no final ou ser nulo;
- Os autores afirmam, ainda, que a gramaticalização está no interior da sentença da qual o tópico se desloca para a cabeça da frase, cabendo ao sujeito todos os processos como reflexivização, passivização e imperativização, mas não cabe ao tópico que por estar na parte exterior da sentença é independente desses processos sintáticos.

Em relação às características correlacionadas ao item **(b)**:

- Li e Thompson “explicam a marginalidade da passiva nas línguas Tp como devida ao fato de a construção de tópico ser a que desempenha o papel mais importante na construção da S, podendo qualquer SN ser tópico” (*apud* PONTES, 1987, p.21);
- Com relação aos sujeitos vazios, o português, assim como as línguas de tópico, não têm sujeito em frases existenciais impessoais ou referentes a fenômenos atmosféricos;
- Quanto ao duplo sujeito são construções típicas das línguas de tópicos, pois o constituinte topicalizado e o sujeito aparecem na estrutura da sentença, mas são distinguidos devido ao fato do primeiro não ter concordância como o verbo;
- É o tópico que controla a co-referência no interior da sentença e não o sujeito;
- Quanto às restrições, vemos que só há em sentenças de línguas de sujeito, enquanto em línguas de tópicos, não. Como exemplo, temos o português, em que qualquer elemento na sentença pode ser um tópico, tais como sujeito, objeto direto, indireto, adjunto adverbial, adjunto adnominal e adjunto predicativo;
- Em relação às sentenças básicas, as línguas de tópico são sentenças propriamente básicas, devido apresentarem argumentos e distribuição, sendo que as frases topicalizadas podem ser afirmativas, negativas, exclamativas, interrogativas e encaixadas.

Nos *corpora* que estamos desenvolvendo essa pesquisa encontramos poucas recorrências das CTs, o que não ocorre em um *corpus* oral. Os tipos de CTs encontradas nas cartas analisadas foram de TP, TOP's, TCp ou DS, TOD, TOI e *tópico de adjunto*, as quais descreveremos a seguir:

---

<sup>34</sup> Contexto de frase-raiz são denominações de sentenças simples.



As construções de **tópico pendente (TP)** têm um grau mínimo de sintatização, não tendo nenhuma conectividade entre as sentenças, sendo estas restritas a contexto de frase-raiz. Já em relação à condição de relevância, esta determina que o comentário seja referente ao tópico. Ilustraremos essas informações a respeito do TP por (3) sendo (3´) e (4):

(3´) **Quanto ao seu modo de agir politicamente** nunca exige a *você* couza alguma com quebra de seu caracter, não é assim? Pois se há quem assim pense está perdendo o seu tempo e o seu latim. (TP 09/10/1921)

(4) **Quanto as lavouras de algodão** continua desanimada e sem compradores. (TP 29/10/1918)

Nos exemplos expostos acima vemos que os tópicos em negrito não têm nenhum tipo de conectividade como um constituinte interno ao comentário. Visto que há apenas conectividade semântica entre os tópicos destacados e a sentença-comentário, devido ao fato de essas construções serem regidas por uma preposição ou locução preposicional.

A **topicalização selvagem (TOP´s)** ocorre apenas em contexto de frase-raiz e essas construções são aceitas pelos falantes da norma culta no modo oral informal.

(5) **Este ano** acho que não aparecerá  *muito* inverno [-] de fazer Ella tomar água. (JP 02/07/1919)

(6) **Outro dia** não lhe falei do *vaqueiro* da Caiçara [-], a que ja despedi, entregando a fazenda a um primo de José Gonçalves de que tenho tido sempre boas informações. (JP 19/07/1922)

(7) **Esta semana** estive aqui *José Altino* em diverças cazas [-], menos na *minha*, fazendo a todos a descrição *que* ouviu do *Padre*, da dissidencia politica, lhe envolvendo na encrenca e elle é desses *que quando* conta um ponto acressenta mil. (JP 07/10/1921)

É possível observar que os constituintes em negrito foram gerados numa posição interna ao comentário, mas estes são deslocados para a esquerda da oração, ou para a parte introdutória da sentença, sem a regência de preposição, o que caracteriza as construções com topicalização selvagem, característica do PB. A TOP´s apresenta apenas conectividade referencial e temática, o que ocasiona algum grau de sintatização por haver um deslocamento de um sintagma preposicional do interior do comentário para a posição de tópico, deixando apenas um vestígio na sentença, caracterizado com uma categoria vazia [-].

O **tópico com cópia pronominal ou duplo sujeito (TCp ou DS)** se dá quando o sintagma nominal deslocado para a parte externa da oração tem como referência um elemento pronominal no interior da sentença com função de sujeito na frase principal.

(8) **Lucinha** *voce* pode ate pensar que eu fui covarde por não ter dado noticias antes. (WMO 21/07/1994)<sup>35</sup>

(9) **A sussuarana**, *ela* pensa carnêro ta no mato, que... que ´cê num tocô, elas vai no rebanho e mata. (ARAÚJO, 2009, p. 241)

Na sentença acima, constatamos que a conexão entre a parte interior da frase e exterior se dá apenas por traços de pessoa, número e gênero como ocorre na DETP.

---

<sup>35</sup> A sigla WMO significam Walter Martins Oliveira seguido de dia, mês e ano. Essas carta faz parte do 3º período do século XX.

A **topicalização de objeto direto (TOD)** ocorre em sentença em que o constituinte interno na oração tem função sintática de objeto direto. Na TOD é o sintagma nominal que tem função de objeto que sai do corpo da frase para uma categoria funcional mais alta no domínio da sentença, o qual é acompanhado de um determinante definido. Os seguintes exemplos exemplificam as características citadas anteriormente:

- (1´) **A banheira** ainda não tinha retirado [-] de sua casa, podendo estar la pelo tempo *que* Tonho aqui se demorar. (TP 21/06/1917)  
(10) **Sua carta de 5ª feira** me veio [-] as mãos na 6ª feira a noite. (JP 28/10/1918)

Araújo (2009, p.235), em sua pesquisa na gramática das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas, afirma que as construções de TOD não estão presentes apenas no português rural-afro-brasileiro, como também estão “presente[s] em todas as modalidades do português brasileiro”, devido ao fato dessas construções de TOD não só ocorrer na fala como também na escrita do século XIII do português europeu e só veio se concretizar na modalidade escrita do português brasileiro no século XIX.

Além do TP, da TOP's e da TOD, encontramos também a **topicalização do objeto indireto (TOI)**, em que o constituinte interno na oração tem função sintática de objeto indireto. Como vemos no exemplo abaixo:

- (11) **Por Carambola** me foi entregem sua carta de hontem datada [-], bem com seis fices, que atribuo ser umas que encomendei a Lupicino. (JP 20/08/1917)  
(12) **Por Antonio** tive sua carta de hontem [-], os jornais e um pacote de vernis *para* a limpiza dos bancos da escola. (JP 06/01/1919)  
(13) **Por Amaro Marques** me foi entregue hontem os 6:000 *mil réis* de meu ultimo pedido [-], a meu debito. (JP 16/02/1921)  
(14) **Pelo Sr. José Carambola** me foi entregue sua carta de ante-hontem datada [-] e a vacca com a cria que veio por elle e pelo *mesmo* vai a vacca crioula com a cria e os 2 cavallos, seu e de Tonho. (JP 09/06/1922)

Nas construções acima, os constituintes em negrito na cabeça das sentenças foram deslocados, deixando um vestígio, assim como a TOD, sendo que nessa ocorrência o constituinte deslocado do interior da sentença tinha caso dativo e na TOD – acusativo, mas quando estão na parte externa da sentença ficam ausentes dos processos sintáticos, cabendo somente a semanticidade e discursividade na sentença.

Além das construções explanadas em nossos excertos encontramos o *tópico de adjunto*. O constituinte em negrito nos exemplos (13-16) não é um TOI, porque não há presença de uma lacuna vazia no interior da sentença.

- (15) **Pela muita falta de gado gordo** parece que a carne vai dar ainda *muito* do que ja está dando [-], uma ves que o sertão ja está sem gado de apuro. (JP 18/02/1922)  
(16) **Por muito atropello de trabalho** ja não tinha respondido suas cartas desta e da semana ppassada [-], o *que* hoje estou fasendo. (JP 04/07/1924)  
(17) **Pela muita falta de carro** não mandei *mais* caroço *para* a [?] Fahil [-]. (JP 16/02/1921)  
(18) **Pelo compadre José Herculano**, portador desta, mando 2 caixões de mangas *para* voceis [-]. (JP 10/03/1923)

Os constituintes topicalizados acima não podem ser um TP pelo motivo de que para pertencer a essa propriedade não pode haver um lugar interno na sentença em que o constituinte topicalizado possa ser inserido, fato que não ocorre no *tópico de adjunto*. Por fim, não é uma TOP's, por causa que a preposição não acompanha o sintagma nominal deslocado para o início da sentença.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos que a principal marca do tópico e a sua posição inicial seja para introduzi uma informação nova ou para comentar uma informação já conhecida entre os interlocutores. Vimos que antes de o tópico possuir traços discursivos na CP, ele é um sintagma nominal gramaticalizado no interior da sentença, sendo que o SN topicalizado pode ser qualquer termo no português brasileiro.

Verificamos através dos excertos, a realização desse fenômeno linguístico, confirmando assim que essas construções estão presentes não só na modalidade oral como também na modalidade escrita, apesar de sabermos que as *cartas pessoais* tendem a se aproximar da fala informal na maioria das vezes.

Diante dos fatos apresentados, almejamos delimitar mais a literatura acerca das *construções de tópico*, para sugerir uma proposta de classificação desse fenômeno linguístico, tendo como base os estudos gerativos de Araújo (2006/2009), Kato (2009) e Miotto (2004).

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Edivalda. **As construções de tópico**. In. LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (orgs.) O português afro-brasileiro. Salvador: EDUFBA, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tópico**. In.: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson. (orgs.) Salvador: EDUFBA, 2009.

\_\_\_\_\_. **As construções de tópico do português nos séculos XVIII e XIX: uma abordagem sintático-discursiva**. Tese de doutorado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2006.

BERLINCK, Rosane de Andrade; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; OLIVEIRA, Marilza de. **Predicação**. In CASTILHO, Ataliba T. de. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. orgs. KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Volume 3. p.101-188

BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; MATOS, Gabriela. **Estrutura da frase simples e tipos de frases**. In. MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* Gramática da Língua Portuguesa. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003. Série Linguística.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Construção de tópico**. In. \_\_\_\_\_. Nova Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Contexto, 2010.

GALVES, Charlotte. **A Sintaxe do Português Brasileiro**. In. Ensaios sobre as gramáticas do português. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da Língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003. Série Linguística.

MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina; LOPES, Ruth. **A Teoria X-Barra**. In. MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C.; LOPES, R. Novo manual de sintaxe. Florianópolis: Insular, 2004.

PONTES, Eunice S. L. **O Tópico no Português do Brasil**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

RAPOSO, Eduardo Paiva. **A Teoria X-barra**. In. RAPOSO, E. P. *Teoria da gramática – a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

ROCHA, Maura A. Freitas; LOPES, Ruth E. Vasconcellos. **Adjunção**. In CASTILHO, Ataliba T. de. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. orgs. KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009. Volume 3

TORRES MORAIS, Maria Aparecida C. R. **Rastreando aspectos gramaticais e sociohistóricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX**. In. Para a História do Português Brasileiro. São Paulo: Humanitas, volume III: Novos Estudos.